

CABARÉ VOLTEI, TECNOVÍVIO E AS “DIRETRIZES DA COMUNIDADE”

Angelene Lazzareti | Artista e Professora da UNILA

Fabio Salvatti | Artista e Professor da UFSC

Aos brados, diante da câmera, transmitindo para todo o planeta, a Mestre de Cerimônias vaticina: “A nossa arte é a mais pestilenta de todas. Já sobreviveu ao fascismo, ao totalitarismo, às pequenas igrejas, aos grandes negócios - e vai sobreviver!”. Esta profecia, a meio caminho entre a ameaça e a promessa, é apenas parte da cena de abertura do *Cabaré Voltei: A grande revista eletrônica*, um espetáculo de variedades proposto pela Selvática Ações Artísticas na plataforma YouTube em julho e agosto de 2020.



Imagem: espetáculo “Cabaré Voltei: A grande revista eletrônica”

Coletivo de artistas marcado pela experimentação de linguagens cênicas e pela resistência política, a Selvática vem explorando as possibilidades do cabaré desde, pelo menos, 2015. O *Cabaré Voltei* (corruptela do nome do dadaísta Cabaret Voltaire, de Zurique, Suíça) já foi apresentado em diferentes versões “presenciais”, em Curitiba (sede do coletivo), Belo Horizonte e Cidade do México. Para 2020, a Selvática preparava a Mostra Internacional de Cabaré, prevista para acontecer

durante o Festival de Teatro de Curitiba, com convidadas de diversos países da América Latina. No entanto, havia um vírus no meio do caminho. Com o cancelamento do Festival, a solução encontrada foi a transposição do ambiente do cabaré para o meio digital.



Imagem: espetáculo “Cabaré Voltei: A grande revista eletrônica”

Historicamente, o formato cabaré reúne uma série de expressões cênicas diversas, as chamadas “variedades”, em uma sucessão de números curtos. Conforme a professora Christina Streva, “o espírito livre, rebelde, e debochado dos cabaretistas, combinados com a prática da experimentação constante, fez com que esses artistas descobrissem maneiras de extrapolar o uso convencional das técnicas da tradição popular”. (STREVA, 2017, p. 98) Desde seu surgimento, na França do final do século XIX, predominou no cabaré o humor, o burlesco, o deboche, a crítica satírica ou irônica, a festividade, a celebração do corpo e da sexualidade e o entretenimento. Também o espaço físico em que se dá o cabaré costuma se diferir do teatro convencional: muitas vezes as espectadoras estão dispostas em mesas, pode-se beber ou comer e as interações entre artistas e público são frequentes. Em muitos dos lugares em que a tradição cabareteira se popularizou (na Alemanha, na Argentina e no México, por exemplo), o formato foi

adotado como crítica social, política e de costumes. A este respeito, escreve Gastón Alzate sobre o cabaré mexicano:

Veo el cabaret mexicano como una red simbólica contestataria relacionada con una necesidad social frente a mecanismos de marginación, coincidentes con la aparición de la globalización económica (...). A mi entender el cabaret presenta un claro afán de diálogo con realidades que tienden a ser negadas o minimizadas por los discursos dominantes en los medios y en la cultura. (...) Lo que encontramos es una pluralidad de propuestas, una diversidad de lecturas dramáticas de la realidad; si bien hay puntos de partida comunes como son el humor como herramienta crítica, la improvisación, la creación colectiva, la fragmentación de la estructura dramática en sketches, la dialéctica que establecen estas estructuras fluctuantes con el espectador y con su acontecer diario, especialmente el de la capital mexicana y, finalmente, el hecho de que en el cabaret se escribe, se produce, se actúa y se dirige a un mismo tiempo. (ALZATE, 2008, p. 50-51)

O *Cabaré Voltei* é uma evidente afronta aos discursos dominantes, desde sua abertura. Com números de dança, declamação, *lipsync*, teatro de bonecos, música, videoarte, hibridações e objetos indecíveis, este cabaré eletrônico transmitido ao vivo denuncia, de forma contundente, por vezes através do deboche e por vezes através de manifestos discursivo-visuais, a necropolítica do poder vigente. A cabareteira mexicana Monteserrat Cabaret pronuncia em seu número: “Era para estarmos juntas mas, como sempre, nos trouxeram a peste”. Para além da atual relação imediata entre peste e vírus, a frase remete à história do continente americano, marcada pelo genocídio das populações originárias. A peste aqui também impede que estejamos, artistas e público, juntas. Há um sacrifício, portanto, de uma característica muito importante das artes presenciais: a convivialidade.



Imagem: espetáculo “Cabaré Voltei: A grande revista eletrônica”

O professor argentino Jorge Dubatti, pesquisador da filosofia do teatro, trabalha sobre as noções de convívio e tecnovívio de forma a localizar as artes cênicas e as suas especificidades.

Llamamos convívio a la experiencia que se produce en reunión de dos o más personas de cuerpo presente, en presencia física, en la misma territorialidad, en proximidad, a escala humana; tecnovívio es la experiencia humana a distancia, sin presencia física en la misma territorialidad, que permite la sustracción de la presencia del cuerpo viviente, y la sustituye por la presencia telemática o la presencia virtual a través de la intermediación tecnológica, sin proximidad de los cuerpos, en una escala ampliada a través de instrumentos. (DUBATTI, 2020, pg. 14)

As artes da cena possuem como premissa o convívio, acontecimento da reunião dos corpos em presença, no qual se estabelecem camadas relacionais diversas constituídas de vínculos, atritos, matérias e forças. O compartilhamento do mesmo espaço, a afetação mútua desencadeada de formas diretas e indiretas, o estar uns com os outros (e uns para os outros) a partir do encontro entre artistas, espectadores e técnicos produz a partilha e a criação tanto política quanto poética de um mundo (de um cabaré, por exemplo).



Imagem: espetáculo “Cabaré Voltei: A grande revista eletrônica”

Com a pandemia, ocorreu a suspensão de muitas práticas conviviais, dentre elas o teatro, o que se desdobra em novas dinâmicas de experimentação artística, tanto no campo da produção quanto da fruição. O *Cabaré Voltei*, apresentado virtualmente, se insere no novo leque de ações tecnoviviais. No tecnovívio as relações se estabelecem especificamente a partir do suporte tecnológico (com a dependência completa dos aparatos digitais), que opera com a virtualidade e a

subtração da presença dos corpos em proximidade. O vínculo remoto estabelecido com as telas dos celulares e computadores apresenta possibilidades e impossibilidades que estão sendo descobertas e exploradas no momento presente, solicitando das criadoras e das espectadoras uma disposição para inventar e aprender outros modos de criar e de fruir.

Não há ninguém tossindo ou chorando na cadeira ao lado, não temos acesso ao contágio (para além da compreensão médica da palavra) que as reações de umas e outras geram na plateia, compreendida como corpo coletivo que age por afetação mútua. A característica da coparticipação, nesse sentido, sofre transformações profundas, já que as artistas também não têm acesso as reações físicas que a materialidade dos corpos das espectadoras produz. No *Cabaré Voltei* (em versão online), as espectadoras virtuais podem comentar simultaneamente no chat do YouTube sobre suas impressões, outra proposta de dinâmica participativa. Ainda assim, do lado de lá e do lado de cá da tela estamos nós, artistas e espectadoras de carne e osso, explorando formas de estar juntas, mesmo que isoladas, testando possibilidades de oferecer e de receber afeto, arte, cuidado e reflexão. Para além da discussão classificatória "é artes cênicas ou não?", seguir criando artisticamente neste momento de peculiar violência por conta da pandemia, não se trata de um mero fluxo de produção, já que "o Brasil não pode parar", refere-se antes a um gesto de resistência. A arte, nesses momentos, tem especial valor para o processamento, o registro, a criação e o testemunho de experiências vividas na pandemia, sobretudo em tempos de disputas de narrativas, negacionismo e banalização da morte.

A questão é menos a do estabelecimento de um status de legitimidade para a linguagem gerada pela cultura tecnovivial, nem a extinção da forma convivial do teatro, mas o desejo da manutenção de algum tipo de vínculo coletivo vivenciado nas artes cênicas. Nos referimos especialmente a possibilidade de imaginar juntas, de criar e de construir coletivamente mundos outros que confrontam e resistem a este mundo. Quando estamos em coletivo, entre artistas e espectadoras, experimentamos a criação e a sustentação de atmosferas espaciais e temporais, dinâmicas relacionais, lugares de ação, e, principalmente, o testemunho e a criação de existências múltiplas.

Os corpos em cena são corpos que se pretendem contagiosos, desejam contagiar. Voluntariamente ou não, assinalam um posicionamento político, promovem discursos de corpo – mesmo mudos, são corpos de discurso: promovem formas de estar juntos, apresentam modelos de corpo, instituem poderes de ação entre si e realizam um “nós” que possui partes visíveis e invisíveis. O *Cabaré Voltei* apresenta e cria corpos de existências múltiplas, estabelecendo ruídos nos modelos identitários fixos ou fixadores das possibilidades de ser. A reivindicação política e poética pelo direito de existir e de exercitar diversas formas de existência dos corpos encontra o gesto de experimentação de linguagem artística. Conforme afirma Ricardx Nolascx, uma das proponentes do *Cabaré Voltei* em uma publicação em rede social:

Criar formas de continuar existindo artisticamente só é possível porque vamos juntas. Nossas palavras, imagens, corpos e movimentos podem tão facilmente desaparecer em meio a essa rede que se promete tão livre. A velha liberdade que nada liberta. Ficar fugindo das regras censurantes das redes, abrir uma nova live, hackear como conseguirmos os algoritmos com as tecnologias que temos a mão. É muito fácil nos fazer desaparecer e ontem mais uma vez um peitinho nos tombou das redes, mas o show não pode parar e escolhemos o cabaré justamente porque sabemos que vamos pelo caminho mais difícil: o do precariado. (NOLASCX, 2020)



Imagem: espetáculo “Cabaré Voltei: A grande revista eletrônica”

O motivo da declaração foi o fato de que as duas apresentações do *Cabaré Voltei: A grande revista eletrônica*, nos dias 26 de julho e 16 de agosto de 2020, foram "derrubadas" pelo YouTube enquanto estavam ao vivo. De acordo com o relatório "Cumprimento das diretrizes da comunidade do YouTube", de abril a junho de 2020, mais de 11 milhões de vídeos foram removidos da plataforma. Destes, 95% foram identificados através de "detecção automatizada", ou seja, algoritmos e inteligência artificial treinados para identificar o que não é permitido pelos termos de serviço. Dos vídeos removidos, 14% referem-se a nudez ou conteúdo sexual. Supostamente, é esta categoria que justifica a remoção do vídeo do *Cabaré Voltei*, já que há uma cena em que mamilos foram expostos.

Cabe refletir que o elenco do *Cabaré Voltei* é composto majoritariamente por pessoas LGBTQI+, corpos desviantes das normas sexuais, raciais e patriarcais hegemônicas. "Espécies em extinção", como elas mesmas se definem jocosamente. Suas criações gritam a existência e a resistência de seus corpos e de sua arte.



Imagem: espetáculo "Cabaré Voltei: A grande revista eletrônica"

Em um novo ecossistema tecnovivial de produção e circulação artística, inescapável no presente por conta da pandemia, é exercido um sofisticado sistema de vigilância algorítmica dos corpos e da criação. Em nome das "diretrizes da comunidade" e de termos de serviço de entes privados, propostas artísticas como um cabaré online sofrem uma modalidade atualizada de censura digital. Com a

presença ubíqua de empresas bilionárias de tecnologia (caso da Google, proprietária do YouTube), muito do conteúdo artístico produzido e veiculado deixa de ter sua garantia constitucional de manifestação. As diretrizes que estabelecem o que é conteúdo impróprio consideram que mamilos (e os corpos que os expõem) são ameaças, enquanto que muitos dos conteúdos e comentários que naturalizam e incentivam machismos, lgbtqfobias e racismos seguem disponíveis na internet (ainda que esses sejam causa da aniquilação de muitas vidas, os mamilos é que são impróprios). A pandemia e as estratégias necropolíticas vigentes intensificam a percepção de que os corpos dos outros são ameaças e que apenas uma conduta de imunização social pode nos afastar da ameaça. Experiências como o *Cabaré Voltei* fazem lembrar que em primeiro e em último lugar somos corpos e que corpos são criações diversas, precárias e transitórias. Corpos têm mamilos.

Referências

ALZATE, Gastón. "Dramaturgia, ciudadanía y anti-neoliberalismo: el cabaret mexicano contemporáneo". *Latin American Theater Review* 41.2, Primavera 2008. Disponível em <https://journals.ku.edu/latr/article/view/3269/3206> . Acesso em 06 de outubro de 2020.

DUBATTI, Jorge. "Experiencia teatral, experiencia tecnovivial: ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos simétricos". *Rebento*, v. 1, n. 12, 2020.

GOOGLE Transparency Report. "Cumprimento das Diretrizes da Comunidade do YouTube". Disponível em https://transparencyreport.google.com/youtube-policy/removals?hl=pt_BR . Acesso em 08 de outubro de 2020.

NOLASCX, Ricardx. Post no Facebook. 03 de agosto de 2020. Disponível em <https://www.facebook.com/ricardxnolascx> . Acesso em 08 de outubro de 2020.

STREVA, Christina. Por um ator-provocador e um professor-criador: uma pesquisa-ação sobre a performance de cabaré. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2017.

SOBRE OS AUTORES



Angelene Lazzareti é Artista e Produtora Cultural. Mestre e Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Graduada em Artes pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. Atualmente é Professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Investigadora do campo das Artes, trabalha sobre as linhas: Processos de criação artística; Estudos do corpo; e Poéticas do "entre". Como artista, trabalha na intersecção entre diferentes linguagens como artes da cena, fotografia e audiovisual, articulando entre-lugares a partir do encontro e da interação artística destes campos. É pesquisadora no Grupo de Pesquisa "Palavra, Vocalidade e Escuta nas Artes Cênicas e Radiofônicas", e coordena o Projeto de Pesquisa "Poéticas do ENTRE: Corpo, Escuta e Criação Artística", na UNILA.

E-mail: angelene.lazzareti@unila.edu.br



Fábio Salvatti é Artista e Professor de Direção Teatral e Performance no curso de Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-doutor em Estudos da Performance no Hemispheric Institute of Performance and Politics / New York University (2015); Doutor em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (2010); Mestre em Teatro no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (2004) e Bacharel em Artes Cênicas na Faculdade de Artes do Paraná (2001). É coordenador do EAR - Estúdio de Arte Rebelde (desde 2016). Foi integrante da Cia EmCômodo Teatral (1998-2004) e da Kiwi Companhia de Teatro (2001-2008). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Direção, Performance e Teoria Teatral, atuando principalmente nos seguintes temas: performance, ativismo político, humor, novas mídias e teatro contemporânea.

E-mail: fabio.salvatti@gmail.com

